



**I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas**

**L U S O C O N F**  
**2018**

# Livro de Atas

Editores:

Carla Araújo  
Carlos Teixeira  
Cecília Falcão  
Lídia Machado dos Santos  
Paula Odete Fernandes  
Vitor Gonçalves

## Ficha Técnica

### Título

**LUSOCONF2018**

**I Encontro Internacional de Língua Portuguesa e Relações Lusófonas: livro de atas**

### Editores

<b>Carla Araújo</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Carlos Teixeira</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Cecília Falcão</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Lídia Machado dos Santos</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Paula Odete Fernandes</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>
<b>Vitor Gonçalves</b>	<b>Instituto Politécnico de Bragança</b>

### Capa

**António Meireles e Vitor Gonçalves**

### Edição

**Instituto Politécnico de Bragança  
Campus de Santa Apolónia  
5300-253 Bragança  
Portugal**

**Data de edição: 2019**

**ISBN: 978-972-745-248-4**

**Handle: <http://hdl.handle.net/10198/18595>**

**URL: [www.lusoconf.ipb.pt](http://www.lusoconf.ipb.pt)**

**Email: [lusoconf@ipb.pt](mailto:lusoconf@ipb.pt)**

## O hóspede impertinente: o tópico da menstruação na poesia de Gregório de Matos

Francisco Topa<sup>1</sup>  
[ftopa@letras.up.pt](mailto:ftopa@letras.up.pt)

<sup>1</sup>*Faculdade de Letras, Universidade do Porto / CITCEM*

### Resumo

O artigo incide sobre quatro poemas de Gregório de Matos (1636-1695), dominados pelo tópico da menstruação, dois romances e dois poemas em décimas. Depois de um enquadramento do tema do ponto de vista antropológico, estuda-se a forma incomum que o tópico assume nos textos do poeta baiano, destacando-se em particular as variações imagéticas ensaiadas pelo autor, num registo em que o fescenino é atenuado pelo humor.

**Palavras-Chave:** menstruação, Gregório de Matos, poesia, barroco.

### Abstract

The article focuses on four poems by Gregorio de Matos (1636-1695) dominated by the topic of menstruation. After the contextualization of the theme from an anthropological point of view, we study the unusual way that the topic assumes in the texts of the Bahian poet, highlighting in particular the imagery variations performed by the author, in a register in which the obscene is attenuated by humor.

**Keywords:** menstruation, Gregório de Matos, poetry, baroque.

Especialistas de várias áreas disciplinares – da antropologia à psicologia, da sociologia e da história aos estudos literários – têm assinalado o silêncio que dominou (e ainda vai dominando) o tema da menstruação. O facto tem a ver, obviamente, com a circunstância de se tratar de coisa de mulheres em sociedades em que o homem ocupava a posição dominante e explica que tenhamos pouca informação sobre as crenças e práticas antigas relacionadas com esta matéria.

De qualquer modo, é sabido, como sublinham as autoras de *The Curse*, que “In the beginning, the menstrual process inspired fear and wonder in human beings. Both men and women saw at once that woman’s blood set woman apart from man in a mysterious, magical way.” (Delaney et al., 1988, p. 3) Além disso, em muitas sociedades, a menstruação era vista como um castigo imposto à mulher, «punie pour avoir endossé un rôle qui n’était pas le sien, ou transgressé un interdit.» (Le Naour & Valenti, 2001, p. 9) Também por isso, era comum – sobretudo nas sociedades agrárias – que as mulheres fossem excluídas da vida social durante o período menstrual e que as jovens que entravam na puberdade fossem colocadas em isolamento por um período de tempo variável. Não por acaso, um dos nomes que, no calão inglês, designa a menstruação – *curse* – tem como significação primária “praga, maldição”.

Até há relativamente pouco o conhecimento científico sobre o tema era escasso e acreditava-se que a mulher menstruada podia exercer uma influência fortemente negativa sobre o mundo que a rodeia, como se lê numa passagem muito citada da *Naturalis Historia* de Plínio, O Velho:

sed nihil facile reperiatur mulierum profluvio magis monstificum. acescunt superventu musta, sterilescent tactae fruges, moriuntur insita, exuruntur hortorum germina, fructus arborum, quibus insidere, decidunt, speculorum fulgor aspectu ipso hebetatur, acies ferri praestringitur, eboris nitor, alvi apium moriuntur, aes etiam ac ferrum robigo protinus corripit odorque dirus aera, et in rabiem aguntur gustato eo canes atque insanabili veneno morsus inficitur. (Plínio, O Velho 2015: livro VII, cap. 15, ¶ 64)<sup>1</sup>

Como tem vindo a ser denunciado nos tempos mais recentes, sendo a menstruação uma razão para o afastamento da mulher, ela torna-se «a fact in the control of women by men not only in ancient and primitive societies, where knowledge of physiology is rudimentary at best, but also in our post-industrial world.» (Delaney et al., 1988, p. 4) Os condicionalismos que rodeiam o fenómeno fazem com que, ainda hoje, o tema permaneça fechado em casa, no plano doméstico, evitando a exposição pública. Também por isso a literatura tem mantido em relação a ele uma distância prudente e higiénica, quebrada quando muito para sinalizar a possível gravidez ou para aludir à entrada de uma personagem na puberdade. Há, contudo, exceções, como é o caso do poeta barroco brasileiro Gregório de Matos (1636-1695).

Num conjunto de quatro composições – dois romances e dois poemas em décimas –, todas em medida velha, o vate baiano quebra o tabu, fazendo da menstruação o tema principal. São os seguintes os textos em causa, de acordo com a ordem em que são apresentados numa das mais recentes edições da obra de Gregório: «O teu hóspede, Catita» (Matos, 2013: III, 242-3),<sup>2</sup> «Que têm os menstros comigo?» (*ibid.*: 372-6), «Que febre têm tão tirana» (*ibid.*: 370-1) e «Estou triste, e solitário» (*ibid.*: 368-9).

É certo que o sexo é presença frequente na obra atribuída a Matos: para além de tópicos mais tradicionais, como a infidelidade feminina e o motivo do amante enganado ou os amores freiráticos, o poeta fala de sexo oral, de sexo anal, de masturbação, de homossexualidade masculina e feminina, de prostituição, de doenças sexualmente transmissíveis, de pseudo-remédios para a impotência, de técnicas para “restaurar” a virgindade, etc. Muitos destes motivos tinham, porém, uma tradição literária mais ou menos forte, aparecendo com alguma frequência na poesia dos contemporâneos do *Boca do Inferno*. Não é esse, contudo, o caso da menarquia.

O tom que domina o conjunto está marcado pelo espanto e pela indignação: dirigindo-se à amante menstruada ou adotando um registo confessional que mal disfarça a convocação de um auditório coletivo, o sujeito masculino queixa-se amargamente do sucedido, exagerando o transtorno que lhe causa e exibindo uma destreza estilística que lhe permite sair vitorioso da simulada contenda com um rival duplo – a menstruação e a mulher que se manifesta impossibilitada de o servir. O virtuosismo verbal assenta numa série de metáforas e imagens que não andam longe do que ainda hoje podemos encontrar em anedotas ou perífrases mais ou menos eufemísticas aplicadas ao fenómeno.

<sup>1</sup> Tradução literal (da minha responsabilidade): Mas não é fácil encontrar alguma coisa mais sobrenatural que o corrimento das mulheres. Com a aproximação de uma delas, o mosto azeda, as sementes tocadas tornam-se estéreis, os rebentos dos jardins ficam secos, caem os frutos das árvores sob as quais ela se senta, o brilho dos espelhos fica enfraquecido pelo seu próprio olhar, o gume do ferro embotado se tocado de leve, o polimento do marfim perdido, os enxames de abelhas morrem, o bronze e até mesmo o ferro são imediatamente atacados pela ferrugem, um medonho cheiro atinge o ar e os cães, tendo provado disso, são impelidos pela loucura e a sua mordida fica impregnada de um veneno mortífero.

<sup>2</sup> Nas citações que fizer, o texto será simplesmente designado como *A*, seguindo a indicação dos versos correspondentes. Algo de semelhante acontecerá com os outros três, que serão referidos como *B*, *C* e *D*.

Uma delas é a da hospedagem: o período menstrual é identificado com um hóspede que ocupa um aposento a que o sujeito se julga com direito:

O teu hóspede, Catita,  
foi mui atrevido em vir  
a tempo que hei mister  
o aposento para mim. (*A*, vv. 1-4)

Quem é ele? perguntei;  
faz você que não me entende?  
disse ela; quem há de ser?  
o hóspede impertinente. (*B*, vv. 25-28)

A ideia de hospedagem tem habitualmente associados dois valores contrários: por um lado, trata-se de uma obrigação de caridade (ênfaticada por Cristo em Mt 25:35, «era peregrino e recolhestes-me») e até de civilidade; por outro, representa um encargo que pode sair pesado, como o sublinham provérbios do género de «O hóspede e o peixe, aos três dias fede» ou «Ir-se-ão os hóspedes, comeremos o pato». É nessa linha que o peregrino é criticado, face à frequência das suas visitas (é «um hóspede caminheiro/ que anda sempre a ir e vir.» (*A*, vv. 11-12); ao facto de não pagar pela hospedagem («Despeje o hóspede a casa,/ pois lhe não custa um ceitel,/ e a ocupa de ordinário/ sem pagar maravedi.» *A*, vv. 17-20); ou por afastar qualquer outro visitante («Não tenhas hóspede em casa/ tão asqueroso, tão vil,/ que até os que mais te querem/ fujam por força de ti.» *A*, vv. 21-24). Outros traços da sua caracterização são mais previsíveis, como aquele que o relaciona com a lua (permitindo qualificá-lo como «Um hóspede aluado/ e sujeito a frenesis», *A*, vv. 25-26), tópico que noutros momentos aparece diretamente ligado à amante: «Aluada estou, (disse ela)/ mas em meu juízo sempre.» (*B*, vv. 83-84). Mas *hóspede*, como o indica a etimologia latina, é também o estrangeiro, o estranho, o que sugere a ideia de perigo ou de ameaça. Compreende-se assim que o poeta convoque o cenário de luta, que permite introduzir de modo burlesco o elemento central da menstruação, o sangue: «Não vou topar-me com ele,/ porque havemos de renhir,/ e há de haver por força sangue,/ porque é grande espadachim.» (*A*, vv. 5-8).

Gregório de Matos usa ainda duas outras formas para explicar de forma burlesca o surgimento do sangue: a sangria medicinal e a prática da disciplina (isto é, a autoflagelação exercida como penitência em certas procissões). A primeira permite ao sujeito encenar a sua incredulidade perante a frequência da prática: «Que febre têm tão tirana/ as Moças deste lugar,/ que se estão sempre a sangrar/ na vea d'arca conana?» (*C*, vv. 1-4). A perplexidade incide também sobre a não utilização da lanceta (que adquire de imediato sentido metafórico de cariz sexual): «Eu nunca pude alcançar/ como elas ficam sangradas,/ sem levarem lancetadas,/ antes fogem de as levar» (*C*, vv. 11-14). O segundo motivo vem marcado pela afirmação da sua não necessidade: «Que diabo há de sofrê-lo,/ se vem com tão sujo ardil,/ a fazer disciplinante/ quem foi sempre um serafim?» (*A*, vv. 29-32); ou pelo erro na identificação do pecador: «Deixa já de ensanguentar-te,/ porque os pecados que eu fiz/ não é bem que pague em sangue/ o teu pássaro por mim.» (*A*, vv. 41-44).

Outra linha metafórica explorada pelo poeta baiano toma como base designações popularmente atribuídas à menstruação, como “ordinário” ou “achaque”. Cruzando os dois nomes, o sujeito refere a certa altura «(...) esse achaque,/ que em vós é mal ordinário:/ sangue que tem oitavário,/ festa solene parece,» (*D*, vv. 3-6). Hoje pode não ser tão evidente nem tão imediata a interpretação desta passagem nem a identificação do seu cariz provocador e até levemente sacrílego. Para o percebermos, há que ter em conta

que *ordinário*, para além de indicar aquilo que é regular ou periódico – ou, como adjetivo, aquilo que é de baixa condição ou grosseiro –, pode apontar também, no direito canónico, para o bispo, arcebispo ou outro prelado que tem jurisdição eclesiástica, ou, mais comumente, para o ordinário da missa, isto é, o conjunto das orações e fórmulas que o sacerdote repete em todas as missas. Por outro lado, *oitavário* é, na aceção usual, uma festa religiosa que dura oito dias, podendo significar ainda o livro que contém as orações das oitavas. A alusão religiosa é aliás explorada com ousadia, em jogos de palavras como este: «e comecei a benzer-me/ do diabo, que em figura/ de ordinário me persegue.» (B, vv. 62-64)

Outros desdobramentos da metáfora de achaque são mais comuns e correspondem àquilo que ainda hoje é usado como fonte de humor: «Que casta de achaque é este/ que nunca a ninguém matou/ quando de contino fere?» (B, vv. 90-92). Há também um caso mais interessante, colocado na boca da amante: «tá, que estou porca doente.» (B, v. 80). Deve sublinhar-se a vivacidade que resulta do discurso direto e de uma interjeição como *tá*, que Bluteau explica como servindo «para avisar alguém que tenha mão», o que neste caso aponta para uma interdição que não pode ser quebrada. Mas o ponto mais interessante resulta do uso do nome *porca*, que parece sinalizar a interiorização por parte da mulher de uma espécie de anátema associado à menstruação, que aliás o discurso masculino claramente amplifica no conjunto dos quatro poemas.

Uma dessas formas de expansão consiste no sublinhar da prova física da menstruação, que tem a curiosidade de referir explicitamente a proteção sanitária usada à época pelas mulheres (e que se manteve aliás até meados do século passado, pelo menos nas regiões menos ricas). Isso ocorre por duas vezes. Na primeira, faz parte de um relato: «Não era o discurso feito,/ quando ela me disse “ecce”/ mostrou-me a fralda com sangue/ mais negro do que uma peste.» (B, vv. 57-60). No segundo caso, integra um discurso abstrato em que o sujeito reflete sobre a desdita do homem que ama: «O sangue em bom português/ com letras bem rubricadas/ depois de muitas penadas/ põe na fralda “aqui foi mês”» (C, vv. 21-24).

Mas a passagem mais surpreendente é aquela em que o sujeito, declarando ter atingido o ápice da frustração e do desespero, propõe à amante a quebra do maior tabu que rodeia a menarquia: a prática do sexo durante o período menstrual. Vejamos o texto:

Se mereço por cortês,  
ou pela força da estrela,  
que me deis uma titela,  
dai-ma com sangue ou sem sangue,  
que eu irei ao pé de um mangue  
e lá me haverei com ela.

Eu lá a irei cozinhando,  
de sorte que o vosso dado,  
com ser de sangue queimado,  
não me ande o sangue queimando:  
a mim que me dá que quando  
fizemos o catatau,  
saia o fariseu tão mau  
que seja cousa precisa  
alimpá-lo na camisa  
ou na esquina de um calhau? (D, vv. 25-40)

Chama a atenção antes de mais o emprego de um vocábulo do campo da alimentação (o que aliás acontece noutros textos do autor), *titela*, palavra hoje com pouca circulação, que se refere à parte mais carnuda do peito das aves e que é usada de modo particularmente interessante: por um lado, aproveita-se a sua proximidade de *teta*; por outro, e em direção diferente, explora-se o sentido figurado de *titela*, que aponta para a melhor parte de qualquer coisa, chegando-se assim a outra parte do corpo feminino, num jogo de máscaras em que o falso pudor alterna com a crueza da proposta.

Em segundo lugar, e tratando-se embora de um texto literário e, portanto, ficcional e com uma relação não unívoca com o real, a passagem sugere pistas sobre aspetos relacionados com a prática do sexo, como o recurso ao manguê enquanto espaço capaz de garantir alguma privacidade ou as formas de higiene masculina após a consumação do ato.

Mas o mais importante é a quebra de um tabu com sólidas raízes e com ampla aceitação no espaço e no tempo, apoiado em razões tão variadas que vão do plano moral e religioso até à esfera da medicina, segundo a qual manter relações sexuais durante a menstruação seria prejudicial para a mulher e perigoso para o homem. Antecipando em muito a contemporaneidade, o sujeito do poema de Gregório de Matos identifica a verdadeira justificação do tabu: o motivo estético, que leva a que «saia o fariseu tão mau», circunstância para ele negligenciável. Como seria de esperar, esta conclusão – de certo modo pioneira e, tanto julgo saber, sem paralelo na literatura da época – não desmente ainda a ideia «that woman is the “unclean sex.”» (Delaney et al., 1988, p. 23). Estamos ainda longe, naturalmente, do Rubem Fonseca de «Encontros e desencontros», cujo narrador autodiegético afirma, depois do sexo com a namorada que sofria de distúrbios menstruais: «Dentro do banheiro, contemplei o meu pênis manchado de sangue, para saber se sentia nojo ou não. Não senti, ao contrário, vi aquele sangue como uma generosa oferta.» (Fonseca, 2001, p. 110) Seja como for, a proposta de Gregório de Matos constitui, em conjunto com os outros poemas que estiveram em discussão, um indicador interessante do jogo entre ortodoxia e heterodoxia que caracteriza o barroco, numa prova de que esta estética está bem longe do vazio formal a que certa historiografia e certa crítica o têm tentado vincular.

## Referências

- Bluteau, R. (1712-1728). *Vocabulario Portuguez e Latino (...)*. 10 vols. Coimbra / Lisboa: Colégio das Artes / Pascoal da Sylva / Joseph Antonio da Sylva / Patriarcal Officina da Musica.
- Delaney, J., Lupton, M. J. & Toth, E. (1988). *The Curse: A cultural history of menstruation*. Revised edition. Urbana and Chicago: University of Illinois Press.
- Le Naour, J. & Valenti, C. (2001). Du sang et des femmes. Histoire médicale de la menstruation à la Belle Époque. *Clio. Femmes, genre, histoire*. 14.
- Fonseca, R. (2001). *Secreções, excreções e desatinos*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Matos, G. (2013). *Poemas atribuídos: Códice Asensio-Cunha*. Vol. 3. Edição e estudo por João Adolfo Hansen e Marcello Moreira. Belo Horizonte: Autêntica Editora.